

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Sandinice Marcilia de Souza Rosas

**O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA INTEGRADA:
IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES NO ÂMBITO DO ENSINO REGULAR**

Belo Horizonte

2023

Sandinice Marcilia de Souza Rosas

**O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA INTEGRADA:
IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES NO ÂMBITO DO ENSINO REGULAR**

Trabalho de Conclusão do Curso elaborado junto à disciplina TCC do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de licenciada em Dança.

Orientadora: Prof.^a Dra. Raquel Pires Cavalcanti

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO GRADUAÇÃO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO

**“O ENSINO DE DANÇA NA ESCOLA INTEGRADA: IMPLICAÇÕES E POSSIBILIDADES
NO ÂMBITO DO ENSINO REGULAR”**

SANDINICE MARCÍLIA DE SOUZA ROSAS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado de Graduação em Dança, como requisito para obtenção de título de Licenciatura em Dança, aprovada em 10/07/2023 pela banca constituída pelos membros:

Orientador(a): Raquel Pires Cavalcanti

Examinador(a): Paulo Baeta Pereira

Belo Horizonte, 13 de setembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Paulo Jose Baeta Pereira, Professor do Magistério Superior**, em 13/09/2023, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Pires Cavalcanti, Subchefe de departamento**, em 14/09/2023, às 06:19, conforme horário oficial de Brasília,



com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2622675** e o código CRC **6A387FE7**.

Referência: Processo nº 23072.243500/2023-91 SEI nº 2622675

AGRADECIMENTOS

*Ao Deus que cuidou de mim a cada instante, eu te entrego tudo.
Ele é aquele que pega coisas quebradas e as torna lindas outra vez.*

Agradeço a minha linda e amada mãe, que confiou em mim, mais do que eu mesma.
Te amo!

Aos meus irmãos, por toda compreensão a cada momento de estresse. Amo vocês!

Aos amores da minha vida, meus sobrinhos, por entender que a titia não poderia brincar ou ficar pertinho por um tempinho. Amo mais que chocolate!

Aos meus amigos, por torcerem por mim a cada instante. Madalena Rodrigues minha encorajadora, amo você amiga mais chegada que um irmão.

Aos monitores do Programa Escola Integrada, por contribuírem com meu trabalho com tanto acolhimento.

Aos meus colegas de trabalho, por me encorajar na maneira como trabalho a Dança na escola.

A Prof^ª. Dra. Raquel Pires Cavalcanti, minha orientadora. Obrigada por segurar minha mão e me impulsionar com tanta sabedoria e tranquilidade. Deus me deu a melhor! Foi uma honra ser orientada por você.

Aos queridos Paulo Baeta e Gabriela Christófar, por aceitarem o convite para compor a Banca Examinadora. Gabriela, talvez você nem lembre, mas no dia 30/06/2023 seu aperto de mão e suas palavras me deram um fôlego, o qual eu já estava perdendo. Gratidão!

A todo corpo docente do Curso de Licenciatura em Dança da UFMG, por contribuírem na formação de uma professora licenciada em Dança. Vida longa a todos e coragem!

As minhas amigas de trabalho Rosana Rocha, Anna Rita Miguel, Dayse Carla e Evelyn Soares, vocês são essenciais. Amo vocês!

Aos meus amigos de curso Robson Reis, Jéssica Nunes, Maisa Arroyo, Camila Raposo, Lívia Rocha e Kyrool Souto sem ter vocês caminhado comigo eu não teria conseguido chegar até aqui. Gratidão sempre!

A dança, enquanto arte, já incorpora valores e significados que são em si, relevantes para o processo educacional. Não podemos nos esquecer, no entanto, que a dança também é uma arma poderosa para compreender, criticar, recriar o mundo que nos rodeia.

(Isabel Marques)

RESUMO

Esta pesquisa, qualitativa e de cunho exploratório, tem como objetivo compreender possíveis implicações e possibilidades da dança no contexto do Programa Escola Integrada (PEI), localizada no município de Belo Horizonte. Utilizando da minha experiência como monitora de dança e graduanda em Licenciatura em Dança, busquei analisar sua inserção no contexto da escola formal através do PEI. O PEI faz parte da política de Educação Integral, que tem como objetivo contribuir para a formação cidadã dos estudantes. Os referenciais teóricos utilizados incluem Isabel Marques, Klauss Vianna, Márcia Strazzacappa, Jorge Larrosa, dentre outros. Como parte da coleta de dados, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os monitores da área da dança do programa, no sentido de buscar responder às questões levantadas nesta pesquisa, incluindo o processo de contratação e perfil dos monitores. As minhas experiências como monitora no PEI também são trazidas, no sentido de apontar uma alternativa de ensino, apoiada em minhas experiências na universidade e nas perspectivas pedagógicas de Klauss Vianna, Rolf Gelewski e Rudolf Laban. O trabalho apresentado aponta o quão é necessário dar mais atenção ao modo como a Dança é abordada nas escolas, se desejamos sua valorização no ensino formal.

Palavras chaves: Escola Integrada. Dança. Ensino Formal. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

This qualitative and exploratory research aims to understand possible implications and possibilities of dance in the context of the Integrated School Program (PEI), located in the city of Belo Horizonte. Using my experience as a dance monitor and graduating in Dance, I tried to analyze its insertion in the context of the formal school through the PEI. The PEI is part of the Integral Education policy, which aims to contribute to the citizenship education of students. The theoretical references used include Isabel Marques, Klauss Vianna, Márcia Strazzacappa, Jorge Larrosa, among others. As part of data collection, semi-structured interviews were conducted with monitors from the program's dance area, in order to seek to answer the questions raised in this research, including the hiring process and monitors' profile. My experiences as a monitor at PEI are also brought up, in the sense of pointing out a teaching alternative, supported by my experiences at the university and the pedagogical perspectives of Klauss Vianna, Rolf Gelewski and Rudolf Laban. The work presented shows how much more attention needs to be given to how Dance is approached in schools, if we want to value it in formal education.

Key words: Integrated School. Dance. Formal Education. Teaching-learning.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA E SEUS DESDOBRAMENTOS	11
Um breve relato histórico do Programa	11
Sobre a organização: desafios e benefícios do PEI	13
Processo de contratação dos monitores	15
2. A FORMAÇÃO EM DANÇA E OS DESAFIOS DOS MONITORES NO PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA: REFLEXÕES SOBRE A INTEGRAÇÃO DA DANÇA NA ESCOLA	23
As condições de trabalho no PEI e suas implicações na prática docente	26
O olhar sobre a dança inserida na escola através do PEI: Uma análise dos monitores	31
3. MINHA EXPERIÊNCIA COMO MONITORA DE DANÇA NO PEI: UMA ANÁLISE PESSOAL E PEDAGÓGICA	37
Promovendo a participação ativa e a investigação corporal: Estratégias didáticas na minha prática pedagógica	40
Minha abordagem no PEI: Um processo em constante transformação	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

Desde 2015 que trabalho como monitora de dança no Programa Escola Integrada (PEI), pertencente à rede de ensino municipal de Belo Horizonte. Durante esse tempo, pude observar o quanto a dança neste contexto é solicitada e utilizada, principalmente nos momentos de festividades e apresentações culturais. No entanto, pude perceber também o quanto ela é negligenciada, uma vez que o foco se encontra na exibição de coreografias, isto é, no produto final, desconsiderando a importância do processo de aprendizagem que ocorre nas aulas de dança.

O PEI faz parte da política de Educação Integral do município de Belo Horizonte, que possibilita ampliar o tempo de permanência e vivências dos estudantes no ambiente escolar. Ele tem por objetivo contribuir com a formação cidadã, o desenvolvimento da consciência crítica, empática e respeito às diferenças dos sujeitos. É um programa eficaz que envolve os alunos no contexto social, artístico e cultural. Conforme o portal *online*¹ da Prefeitura de Belo Horizonte as atividades desenvolvidas com os estudantes do PEI

[...] contribuem efetivamente no seu desenvolvimento pessoal, social, moral e cultural. As atividades desenvolvidas nas oficinas atendem às seguintes áreas: acompanhamento pedagógico; arte e cultura; educação socioambiental; educação e diversidade; direitos humanos e cidadania; cidade, patrimônio cultural e educação; educomunicação e uso de mídias; esporte e lazer; prevenção e promoção à saúde e investigação no campo das ciências; leituras na Educação Integral. (PBH, 2019)

Esta pesquisa, de cunho qualitativo exploratório, pretende fazer uma análise da dança no contexto da Escola Integrada, usando das minhas experiências e observações enquanto monitora, bem como das vivências adquiridas durante a minha formação acadêmica. Além disso, usarei como parte da metodologia entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam nesse contexto. Meus referenciais teóricos incluem Isabel Marques e Márcia Strazzacappa, que discutem a dança na escola, além de Jorge Larrosa, por abordar a experiência como base da nossa compreensão do mundo e de nós mesmos, Klauss Vianna, dentre outros. A

¹ <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-integrada>

partir das observações e reflexões realizadas no Programa Escola Integrada, buscarei compreender as principais implicações, divergências e possibilidades que o ensino de dança oferece no PEI. Buscarei também obter maior compreensão sobre alguns questionamentos que permeiam este assunto, tais como: Uma formação voltada para a área da educação faz o sujeito apto a trabalhar com a dança na escola? Qual o lugar da dança na escola? Quais possíveis benefícios do aluno em contato com a dança na escola?

A pesquisa foi organizada em três capítulos. No primeiro, trago uma breve contextualização do Programa Escola Integrada e seus desdobramentos, incluindo o processo de contratação e perfil dos monitores de dança de nove escolas municipais de Belo Horizonte. No segundo capítulo, teço reflexões acerca da relação entre a dança e a escola, discutindo possíveis benefícios e desafios. Para isto, utilizo de teóricos do campo da dança e da educação e de entrevistas semiestruturadas com monitores de dança do PEI de escolas municipais de ensino fundamental de Belo Horizonte. Por fim, no terceiro e último capítulo, apresento uma mostra do trabalho no campo do ensino de Dança que realizo no Programa Escola Integrada, como uma alternativa pedagógica às questões que irei aqui apontar, me amparando nas minhas experiências como estudante do Curso de Dança da UFMG e nas perspectivas pedagógicas de Klauss Vianna, Rolf Gelewski e Rudolf Laban seguido da considerações finais.

A matéria prima da dança é o corpo em sua integridade e este é repleto de significados e potencialidades, muitas vezes adormecidos pelo sistema educacional ainda vigente. Acredito que a dança, assim como outras artes, podem colaborar de forma significativa na formação dos sujeitos, pois seus conteúdos específicos favorecem não apenas a criatividade, mas também a autonomia, o conhecimento social e o autoconhecimento. Penso que a falta de reflexão sobre o assunto pode ser perigoso para essa área de ensino, pois isso pode manter a dança sempre à margem das discussões consideradas "importantes" no contexto escolar educacional. Como veremos, a dança, mesmo estando presente na escola, ainda é pouco contemplada nas discussões que envolvem o processo educacional. Se desejamos uma educação integral do ser humano, é preciso olharmos com mais atenção para como a dança é abordada nas escolas.

1. PROGRAMA ESCOLA INTEGRADA E SEUS DESDOBRAMENTOS

Belo Horizonte é uma sala de aula
(PBH, 2019)

Um breve relato histórico do Programa

Conforme estabelecido pela legislação educacional brasileira, mais especificamente na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 34, parágrafo 2º, é proposto o estabelecimento de um atendimento educacional progressivo em tempo integral, em concordância com os critérios estabelecidos pelos sistemas de ensino. O município de Belo Horizonte, com o objetivo de cumprir o estabelecido no parágrafo 2º do artigo 34 da Lei Federal 9.394, declarou a Lei 8432, em 31 de outubro de 2002, a qual trata da implementação da jornada escolar em tempo integral no ensino fundamental. Conforme mencionado no artigo 2º, os alunos têm direito, durante a jornada em tempo integral, a acompanhamento do desempenho escolar, participação em atividades culturais, artísticas, esportivas e de lazer, além de três refeições diárias. O artigo 3º da referida lei estabelece que o número máximo de alunos por turma em tempo integral é de 25 (vinte e cinco).

A Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), por meio da Secretaria Municipal de Educação (SMED), criou, em 2006, o Projeto-Piloto Escola Integral. Teve início no segundo semestre daquele ano e foi adotado em sete escolas municipais. O Projeto-Piloto garantiu a presença em tempo integral a, aproximadamente, 2.000 estudantes. O desenvolvimento desse Projeto permitiu a avaliação dos diferentes aspectos da relação entre escolas, instituições de ensino superior, instituições públicas e privadas das mais diferentes áreas de atuação e comunidade local. Após o processo de concretização, o Projeto atingiu novas dimensões no que se refere a quantidade de adesão das escolas, do atendimento aos estudantes e a definição dos responsáveis por sua execução.

Em 2007, surge o Programa Escola Integrada, elaborado como uma política que pudesse se desenvolver a ponto de atender a todos os estudantes da Rede Municipal de Belo Horizonte. Atualmente, o PEI está presente em todas as regionais administrativas da cidade, nas escolas municipais de ensino fundamental. Conforme

a Prefeitura de Belo Horizonte (2019), em 2015, o PEI foi implantado em todas as 176 escolas municipais de Ensino Fundamental com atendimento para mais de 65 mil estudantes, além do seu desenvolvimento na Escola Municipal Polo de Educação Integrada (POEINT)² sendo essa “um modelo pedagógico pioneiro na rede municipal de educação de Belo Horizonte [...] o qual intercala aulas teóricas e oficinas no modelo do PEI” (POEINT, 2018).

O Programa Escola Integrada prioriza o atendimento aos estudantes de comunidades que se encontram em territórios considerados de maior vulnerabilidade social, como meio de atender as necessidades das crianças e adolescentes no seu desenvolvimento de saberes múltiplos, vivências e aprendizado significativo. O acolhimento dos alunos ocorre a partir do espaço físico disponível, o que impossibilita o atendimento a todos os estudantes.

As diretrizes do PEI referenciam os princípios da Educação Integral indicados pelo Programa Mais Educação, que consistia em uma ação do Governo Federal com o intuito de fomentar a construção da escola em tempo integral no território brasileiro, assim como o atual Programa Novo Mais Educação, criado pela Portaria MEC nº 1.144/2016 e regido pela Resolução FNDE nº 17/2017, como uma estratégia do Ministério da Educação, tendo como um dos objetivos, melhorar a aprendizagem no ensino fundamental por meio da ampliação da jornada escolar de crianças e adolescentes (MEC, 2016).

De acordo com as diretrizes do PEI (SMED, 2016), a proposição do Programa configura-se como ferramenta de articulação entre o bairro, o processo educativo escolar e a participação da comunidade, com ações em diversas áreas de conhecimento, como cultura, esporte, lazer, direitos humanos, meio ambiente e desenvolvimento social.

² O espaço físico da escola, foge aos padrões das escolas municipais de Belo Horizonte. O projeto pedagógico propõe uma nova experiência inovadora na perspectiva de Educação Integral. A proposta pedagógica é de uma escola de educação integrada e não uma escola só de tempo integral.

BLOG EMPOEINT. O POEINT. Disponível em: <https://empoeintblog.wordpress.com/o-poeint/> . Acesso em: 16 de maio de 2023.

Desde a sua implantação, o PEI ampliou não só o tempo de permanência dos estudantes na escola, mas também os espaços de aprendizagem, sendo necessário realizar a gestão dos espaços da seguinte forma:

- Mapear junto à comunidade espaços e equipamentos, internos e externos à escola, com potencial educativo para as ações do PEI.
- Construir parcerias junto à sociedade civil e/ ou iniciativas públicas e privadas que contribuam na diversificação e na qualificação das práticas do PEI.
- Desenvolver ações junto aos estudantes sob a perspectiva do reconhecimento do potencial educativo dos espaços como roteiros em espaços públicos ou privados da própria comunidade ou externos à ela.
- Monitorar as condições de uso dos espaços mobilizando, quando necessário, profissionais e/ ou setores para a sua adaptação e/ou manutenção.
- Viabilizar a ambientação dos espaços de apoio do PEI. (SMED, 2016)

Sobre a organização: desafios e benefícios do PEI

O PEI ocorre no contraturno do ensino regular, permitindo a permanência dos alunos por um período de nove horas no contexto escolar. Em grande parte das instituições de ensino, algumas oficinas do PEI não são realizadas em suas próprias instalações, mas sim, em espaços alternativos alugados ou hospedados como parceiros da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), tais como casas, salões, clubes, igrejas e, ocasionalmente, áreas ao redor da escola, como praças. Até o presente momento, não há disponibilidade suficiente de espaço físico para atender a todos os estudantes do ensino fundamental, como já previamente citado.

O PEI fundamenta-se na aprovação do potencial educacional presente na cidade, através de uma rede social educativa em espaços não convencionais ao da escola. Considerar a formação em diversas áreas que compõem o Programa, provoca uma reflexão sobre a necessidade de atender a demanda de tempo que os alunos permanecem na escola. Com isso, o olhar para a Educação Integral, mostra que investir na diversidade dos processos educativos, demanda não só maior

utilização do tempo, mas também a apropriação de outros espaços educativos, assim como melhores recursos pedagógicos.

Além das oficinas de dança, esporte, xadrez, futebol, reforço escolar, desenho, informática, meio-ambiente, dentre outras, o Programa oferece atividades denominadas de “aulas-passeio”, que são realizadas em locais públicos e privados por meio de acordos de cooperação e parcerias. Essas atividades são desenvolvidas com o propósito de promover o desenvolvimento pedagógico, cultural, esportivo, artístico, lazer e a formação cidadã, mediante a realização de ações em diferentes espaços da cidade.

As atividades com o grupo de alunos do PEI são executadas por monitores de oficinas, bolsistas vinculados a instituições de ensino superior conveniadas com a Secretaria Municipal de Educação (SMED) e pelos monitores das Organizações da Sociedade Civil (OSCS). Cada turma possui o quantitativo de 25 alunos, por monitor. O objetivo das práticas do PEI é promover mudanças na relação do aluno com a escola e com o mundo, estimulando novas percepções e sensibilidade para o contexto social em que estão inseridos, Belo Horizonte (2023).

Ao analisar o trabalho dos monitores do PEI, José Coelho (2011) ressalta que o Programa ainda enfrenta desafios que requerem consideração e esforço para aprimorar sua eficácia. Alguns desses desafios incluem a questão da infraestrutura, uma vez que é fundamental possuir espaços físicos adequados para as atividades. A ausência de uma infraestrutura apropriada constitui um fator dificultador significativo. O autor ainda ressalta a baixa remuneração dos monitores, a pouca formação exigida para contratação e a condição precária de trabalho. Ana Maria Silva (2013) também aponta que um dos principais desafios do PEI é a falta de um processo seletivo dos monitores de oficina conforme o perfil estabelecido pelo Programa e a falta de entendimento dos objetivos do PEI por parte dos monitores.

Outro desafio a ser superado é a falta de interação entre os monitores e os docentes da escola. A ausência de uma colaboração efetiva entre monitor e docente pode comprometer a integração e o trabalho necessário para um ambiente educacional enriquecedor. Acredito que a interação e a troca de conhecimentos entre os monitores e os professores são fundamentais para promover uma abordagem pedagógica coerente e alinhada, potencializando assim os resultados do PEI.

Processo de contratação dos monitores

O objetivo deste tópico é abordar a temática da contratação dos monitores de dança do PEI, considerando a ampla presença da dança no contexto escolar, especialmente nas escolas de educação em tempo integral do município de Belo Horizonte. Nesse sentido, é necessário refletir sobre quais profissionais estão envolvidos no ensino dessa linguagem artística, conforme apontado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, o qual sugere a sua inserção no currículo da educação básica.

A menção ao PCN é importante, uma vez que é fundamental ressaltar que o trabalho do PEI está inserido no âmbito da educação básica, especificamente no ensino fundamental. A abordagem da dança na escola vai além do domínio de técnicas e de apresentação de coreografias, exigindo uma compreensão mais abrangente e aprofundada do que seja dança e para que serve a dança na escola. Nesse contexto, é necessário investigar e discutir as diretrizes e critérios utilizados na contratação dos monitores de dança do PEI, considerando a importância da sua formação e experiência. Segundo Isabel Marques (1997, p. 22) “a formação dos professores que atuam na área de Dança é sem dúvida um dos pontos críticos no que diz respeito ao ensino da Dança no nosso sistema escolar”.

O Programa Escola Integrada é constituído, em cada instituição escolar, por diferentes agentes e profissionais, sendo estes o/a professor/a coordenador/a, o apoio à coordenação, monitores de oficinas, monitores de Organizações da Sociedade Civil (OSC) e os/as estagiários/as de nível superior. Os/as monitores/as de oficinas são contratados por meio de convênio dos Caixas Escolares para uma

carga horária de 30hs a 44hs semanais. A seleção dos monitores é conduzida pela direção escolar em colaboração com o/a professor/a coordenador/a do PEI. A matriz curricular do programa define que é fundamental que os/as monitores/as de oficinas tenham reconhecida competência nas ações que se propõem a desenvolver; ensino médio completo; boa articulação com a comunidade; conhecimento do Projeto Político Pedagógico da escola; experiência de trabalho comprovada com crianças e adolescentes; participação em grupo articulador na sociedade, que visa o trabalho e/ou discussão de temas relacionados à criança e ao adolescente (BELO HORIZONTE, 2012).

Para investigar o perfil dos monitores de dança participantes do Programa Escola Integrada, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, compostas por questões norteadoras. No que diz respeito à compreensão dos indivíduos envolvidos com o ensino da dança no contexto educacional, é possível entender, conforme destacado por Marques (2012), que a escola desempenha um papel fundamental. Ela proporciona um ambiente privilegiado para que a dança se processe com qualidade, compromisso e responsabilidade, através de profissionais comprometidos com seu ensino. De acordo com Strazzacappa (2002), a dança no ambiente escolar pode desenvolver habilidades necessárias para a formação de um cidadão sensível, capacitando-o a refletir sobre os aspectos culturais da sociedade e reconhecer-se. A inclusão da dança no ambiente escolar também pode despertar o interesse dos alunos pela carreira profissional nesta área e, além disso, contribuir para a formação de um público capaz de apreciar a dança de maneira crítica.

A pesquisa contou com a participação de nove monitores provenientes de diferentes escolas, incluindo um monitor da Regional Norte, um monitor da Regional Noroeste e sete monitores de sete escolas da Regional Barreiro. As escolas do Barreiro têm a Escola Municipal Polo de Educação Integral (POEINT) como sede para as suas atividades. A escolha dos participantes se deu pela possibilidade de entrevistá-los devido ao convívio semanal com os mesmos.

As entrevistas ocorreram por meio de plataformas virtuais e/ou de encontros presenciais no ambiente educacional do POEINT, escola na qual executo minha função como monitora. Foi abordado temas relacionados à formação e conhecimento em dança dos monitores, bem como sobre o processo de contratação

para o PEI. Além disso, foi averiguado qual é a visão dos monitores em relação à integração da dança no contexto do ensino formal por meio do PEI, as condições de trabalho oferecidas e se há solicitação, por parte dos docentes, de auxílio na criação de coreografias para a escola.

A partir das respostas fornecidas pelos monitores, tornou-se evidente que, em grande parte dos casos analisados, as contratações não seguiram as diretrizes da matriz curricular do PEI. Observou-se que, na maioria das vezes, os gestores e coordenadores responsáveis pela seleção dos monitores de dança tem como principal objetivo proporcionar aos alunos, aulas de dança nas quais eles possam dançar, se divertir, ensaiar e apresentar, de acordo com os critérios estabelecidos pelo monitor contratado e coordenação, e não necessariamente em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola.

De acordo com os monitores entrevistados, evidenciou-se que a grande maioria é contratada a partir de indicações, muitas vezes feitas por parentes, como foi o caso do monitor 2: "Eu fui indicada pela minha mãe que trabalhava na escola na qual eu estudei por oito anos, então eu conhecia todo mundo e já estou há nove anos na integrada" (Monitor 2, entrevista, 2023). Abaixo, transcrevo trechos das entrevistas com os monitores 3, 5, 8 e 9, que relata como o processo de indicação ocorreu, culminando em suas contratações:

[Entrei] por indicação nas duas escolas que já trabalhei. A primeira eu tive que dar uma aula experimental, mas não foi assistida pelos coordenadores. A que eu me encontro atualmente não precisei [dar aula experimental], não fui questionado sobre os meus conhecimentos. Foi por indicação, mas houve uma avaliação do meu currículo. (Monitor 3, 2023, entrevista).

Uma colega minha ficou sabendo que estavam contratando para a oficina de balé e me indicou. Entraram em contato comigo marcando a entrevista, chegando lá só perguntaram se eu já tinha trabalhado com crianças e um pouquinho da minha trajetória na área da dança. (Monitor 5, 2023, entrevista).

Foi indicação de um outro professor de dança, que também era o meu professor. [Fui indicada] para ocupar o cargo dele, pois ele iria ter que se ausentar. Só falei um pouco sobre a minha experiência na área, mostrei meu currículo artístico e fui contratada. (Monitor 8, 2023, entrevista).

Fui procurar emprego em uma escola, aí a coordenadora dessa escola disse que o quadro de funcionários já estava completo. Então ela ligou pra outra escola e falou de mim. Com a indicação dela consegui o emprego na escola que estou hoje. (Monitor 9, 2023, entrevista).

Dentre os entrevistados para esta pesquisa, a contratação do Monitor 1 foi a única realizada de acordo com o procedimento previsto na estrutura curricular do PEI, visando garantir a seleção de profissionais de acordo com os objetivos do programa.

Ao me candidatar, pediram o meu currículo e vídeos comigo dançando. Mandeí vídeos com as danças em grupo porque eu não tinha um vídeo de dança solo. Me chamaram para uma conversa e me perguntaram sobre outros estilos de dança que eu havia colocado no currículo (coloquei balé clássico, contemporâneo e danças urbanas). Expliquei um pouco sobre como conheci os estilos e a diferença entre eles. Eles não sabiam sobre técnica ou conceito das modalidades de dança, queriam alguém que mostrasse um novo mundo para as crianças e que conseguisse incluir a maioria delas, incluir culturas, etc. Ao meu ver, acho que deveria ter tido uma aula experimental ou uma apresentação minha para eu ser selecionada, mas não teve. (Monitor 1, 2023, entrevista).

Já os monitores 6 e 7 foram convidados para fazer parte da equipe do Programa Escola Integrada (PEI). Eles atuavam como monitores, ministrando aulas no âmbito dos Programas

Escola Aberta³ e Escola nas Férias⁴. Estes tiveram suas competências reconhecidas, o que resultou em sua seleção para ocupar a posição de monitor no PEI, como dito pelo monitor 6, o qual relatou que sua contratação foi por meio de indicação onde seu desempenho na Escola nas férias foi considerado pela coordenação, um critério importante. Já o monitor 7 disse que começou a trabalhar

³ O Programa Escola Aberta foi uma iniciativa do governo federal que teve início em outubro de 2004. A ideia era utilizar os equipamentos escolares para atividades culturais e esportivas, abrindo seus espaços para o uso pelas comunidades além dos tempos escolares.

Prefeitura de Belo Horizonte. Secretaria Municipal de Educação. Programa Escola Aberta. Belo Horizonte, 2023. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/educacao/2023/programa-escola-berta-2023-diretrizes-pedagogicas-e-operacionais.pdf>>. Acesso em: 19 de jun. 2023.

⁴ O Programa Escola nas Férias (PEF) integra a política de Educação Integral do Município e tem como objetivo proporcionar práticas de lazer aos estudantes e à comunidade escolar, contemplando as vivências de jogos e brincadeiras, atividades esportivas e demais práticas culturais durante o período de férias escolares. Prefeitura de Belo Horizonte. Escola nas Férias. Disponível em: <<https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-nas-ferias#:~:text=O%20Programa%20Escola%20nas%20F%C3%A9rias,o%20per%C3%ADodo%20de%20f%C3%A9rias%20escolares.>>>. Acesso em: 19 de jun. 2023

na escola aos fins de semana no programa Escola Aberta dando aula de dança para os meninos:

[...] A coordenadora da escola me viu e se interessou e chamou para trabalhar na Escola Integrada. Eu fiquei meio receoso, porque eu nunca tinha trabalhado na Escola Integrada. Ela viu minha aula através dos meninos e me contratou, não me pediu o currículo, não pediu formação, não pediu nada. Só interessou porque viu os adolescentes e as crianças dançando e me chamou para dar aula de dança . (Monitor 7, 2023, entrevista)

As contratações foram efetivadas conforme a necessidade de cada escola, porém, é necessário destacar que a contratação de um monitor sem critérios adequados e sem um processo seletivo mais cuidadoso, para ministrar as oficinas que ocorrem dentro do contexto do ensino formal, pode acarretar em uma série de problemas, como por exemplo, um ensino precário, uma vez que um monitor sem experiência adequada ou sem formação na área pode não possuir habilidades necessárias para oferecer um ensino de qualidade limitando, assim, exploração dos diferentes aspectos do ensino de Dança.

Nesse sentido, se faz necessário implementar um processo seletivo criterioso para contratar monitores de dança para atuar nas escolas de ensino formal, onde se possa estabelecer critérios claros a fim de garantir uma aprendizagem de qualidade e segura, bem como promover o desenvolvimento dos alunos através da Dança. Além do mais, é necessário enfatizar que a falta de conhecimento em Dança por parte de quem contrata também é algo que deveria ser repensado.

Segundo Strazzacappa (2011), em acordo com as premissas estabelecidas pela Prefeitura de Belo Horizonte (2019), o programa de dança presente no ambiente escolar, como oficinas pedagógicas extracurriculares, têm como objetivo oferecer atividades de dança para crianças, funcionando também, como uma alternativa socioeducacional para alunos em situação de vulnerabilidade social. Esse programa visa reduzir o tempo que os alunos passam nas ruas. No entanto, observa-se que, por se tratar de um programa pontual, não há critérios claros para definir o perfil do profissional que atuará como monitor nessas aulas.

É importante ressaltar que a formação desses monitores, em sua maioria, não ocorreu em cursos superiores de dança, mas sim em academias, escolas privadas e

outros meios. De acordo com o artigo 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), a formação necessária para o exercício do magistério nas escolas regulares é a obtenção de uma licenciatura. No entanto, existem situações que vão de encontro a essa disposição legal, ou seja, práticas que contrariam o que está estabelecido na LDB. Este fato dialoga com o Currículo Referência de Minas Gerais - CRMG (2023), que aborda a questão da experiência e formação acadêmica como um ponto delicado da realidade do ensino de Arte/ensino de Dança no Brasil, cujos professores, de maneira geral,

[...] atuam com titulação mínima ou mesmo sem, em qualquer uma das linguagens artísticas do componente curricular Arte. E em Minas Gerais essa realidade não é diferente, mesmo com o aumento do número de vagas e cursos, tanto de graduação quanto de pós-graduação em arte, referentes às linguagens artísticas. Somado ao fato das escolas, muitas vezes, definir poucas aulas para a arte, há uma tendência à desvalorização e descaso para o componente curricular pela comunidade escolar, sobretudo pelos colegas da educação e até mesmo pelos próprios estudantes e pais. (CRMG, 2023, p. 311).

Foi constatado que todos os monitores entrevistados possuem formação de nível médio, embora não tenha sido exigido um nível mínimo de escolaridade no momento da contratação. Suas oficinas e práticas estão fundamentadas em suas experiências pessoais e não necessariamente correspondem ao projeto político pedagógico da escola em que estão inseridos. As oficinas ministradas pelos monitores refletem suas formações e entendimento sobre dança, muitos dos quais adquiridos por meio de participação em projetos sociais ou companhias de dança vinculadas a esses projetos.

Nesse sentido, a formação em dança dos monitores entrevistados se deu em contextos diversos, geralmente não-formais. Muitos deles conforme dito pelo monitor 8 “se formaram em projetos sociais, oficinas e workshops” evidenciando a influência dos projetos sociais, como também afirmam os monitores 3, 4 e 7:

Faço parte de uma Cia de Dança que iniciou em um projeto social e, desde então, sou formada por ela, dentre outras oficinas e workshops feitos em outros lugares também. (Monitor 3, 2023, entrevista).

Eu comecei a dançar em 2012 fazendo aulas de balé em um projeto social (Agnes cidadania). Em 2014 eu entrei para a Cia Agnes e comecei a dar aula no projeto onde iniciei fazendo aula. (Monitor 4, 2023, entrevista).

Meu contato com a dança vem de projetos sociais, desde criança participei de projetos sociais. Na minha época nem existia Integrada, mas o Projeto Fred e ONGs é um dos projetos que tinham em Minas Gerais. Daí eu fui ter interesse de dança e fui fazendo o curso, dançando em algumas academias para adquirir mais habilidades. (Monitor 7, 2023, entrevista).

Dois monitores mencionaram que tiveram o contato inicial com a dança através de sua participação na igreja, onde suas formações em dança ocorreram simultaneamente ao contexto religioso, sendo estes os monitores 1 e 9. O monitor 1, a partir dos 4 anos de idade, começou a fazer aulas de balé juntamente com o grupo da igreja. Já o monitor 9 iniciou no balé após sua participação em um grupo de dança religioso.

Em relação aos demais monitores, um deles obteve sua formação em dança em uma escola particular/curso livre, enquanto outro teve sua formação desenvolvida no âmbito familiar. De todos os entrevistados, apenas um deles está cursando o curso de graduação em Dança (Licenciatura).

Sempre amei a dança, entrei no site da UFMG fiquei sabendo do curso, tentei três vezes e na terceira eu passei e estou no curso de Licenciatura em Dança, mas já trabalhava com balé nas escolas antes da formação. (Monitor 2, 2023, entrevista).

Eu fazia parte de uma escola que tinha companhia de dança e lá comecei a fazer um treinamento para começar a atuar. Comecei com monitoria auxiliando a professora nas turmas de baby balé, balé juvenil e jazz juvenil. Quando a diretora da escola viu que eu já estava apta para iniciar uma turma, ela começou o treinamento teórico do balé e um pouquinho de práticas pedagógicas lúdicas para criança até sete anos. (Monitor 5, 2023, entrevista).

Tenho conhecimento em dança desde criança, na minha família tem uma tia que é formada em dança e é coreógrafa também. Então, esse gosto e conhecimento em dança veio dela. (Monitor 6, 2023, entrevista).

De acordo com Strazzacappa (2011), o termo “monitor” é alguém que frequentou exclusivamente um curso livre ou está em processo de formação, mas já atua ministrando oficinas ou auxiliando professores e instrutores.

Ao considerar o ensino formal integralizado, é necessário refletir sobre os profissionais envolvidos nesse contexto. Nas oficinas, os monitores são predominantemente formados em cursos livres e seu foco é geralmente direcionado ao ensino técnico da dança, o que não desconsidero, porém apenas esse direcionamento de ensino não colabora de forma eficaz para uma formação cidadã e integral dos estudantes.

2. A INTEGRAÇÃO DA DANÇA NA ESCOLA E OS DESAFIOS DOS MONITORES NO PEI

É de grande importância fomentar uma reflexão acerca da Dança enquanto componente inserido no âmbito educacional, uma vez que a sua presença na escola é frequentemente subestimada, não sendo considerada como área de conhecimento. Essa situação gera um paradoxo, pois por um lado, não se observa a valorização da dança e nem há investimentos pedagógicos voltados à ela no contexto escolar, por outro, sua presença é significativa quando apresentada nas festividades e momentos de lazer promovidos pela escola.

Strazzacappa (2001) apresenta uma reflexão sobre a importância da dança no contexto educacional no que tange o desenvolvimento integral do sujeito. A autora ressalta que o foco não está na escolha da abordagem da dança, mas sim na forma como essa prática pode incorporar elementos considerados essenciais para o desenvolvimento integral do aluno.

A dança no espaço escolar busca o desenvolvimento não apenas das capacidades motoras das crianças e adolescentes, como de suas capacidades imaginativas e criativas. As atividades de dança se diferenciam daquelas normalmente propostas pela educação física, pois não caracterizam o corpo da criança como apanhado de alavancas e articulações do tecnicismo esportivo, nem apresenta um caráter competitivo, comumente presente nos jogos desportivos. Ao contrário, o corpo expressa suas emoções e estas podem ser compartilhadas com outras crianças que participam de uma coreografia de grupo. (STRAZZACAPPA, 2001, p.71)

No que se refere aos conteúdos que buscam promover uma educação através do corpo e seu movimento, com o objetivo de compreender a dança, Marques (1997, p. 25) destaca que

[...] os conteúdos específicos da Dança são: Aspectos e estruturas do aprendizado do movimento (coreologia⁵ consciência corporal e condicionamento físico); disciplinas que contextualizam a dança (história, estética, apreciação e crítica sociologia, antropologia, música, assim como saberes de anatomia, fisiologia e cinesiologia) e possibilidades de vivenciar a dança em si (repertórios, improvisação e composição coreográfica).

⁵ Conforme Marques, (1997) é um termo usado por Rudolf Laban para denominar a ciência, ou a lógica da dança. Diferencia-se de coreográficos, que diz respeito à forma como esses elementos são articulados, sequenciados distribuídos no tempo e no espaço. Coreologia é a ciência de registrar coreografia por escrito em forma de partitura.

A Dança enquanto área de conhecimento na educação integral, vai além da mera inclusão da atividade física no ambiente escolar ou da reprodução de movimentos pré-determinados. Ao contrário, é possível - através da dança - promover uma construção coletiva e pessoal, que desperta o indivíduo em sua plena capacidade e potencialidade. Nessa perspectiva, a dança na escola é concebida como um meio de expressão artística e corporal que vai além da simples prática de movimentos. Ela envolve uma abordagem mais ampla, na qual os indivíduos são encorajados a explorar e desenvolver suas habilidades, criatividade e sensibilidade por meio do movimento. Dessa forma, ela proporciona um espaço de experimentação e descoberta, tanto individual quanto coletiva.

A Dança também incentiva a interação e a colaboração entre os alunos, criando um ambiente de troca de ideias, experiências e emoções. Além disso, por ser uma forma de expressão pessoal, a dança permite que cada indivíduo explore sua identidade, suas emoções e suas habilidades físicas de maneira única e significativa. Ela oferece oportunidades para habilidades motoras, cognitivas, emocionais e sociais aprimoradas, proporcionando uma experiência enriquecedora que promove o crescimento pessoal e coletivo.

Como dito, a Dança é uma forma de promover experiências, e de acordo com Jorge Larrosa (2002), a experiência é fundamental para compreendermos a natureza do que nos acontece. O autor enfatiza que a experiência não se limita apenas ao que está ocorrendo externamente, mas sim ao que nos afeta de maneira pessoal, o que nos toca de maneira profunda.

A todo momento estamos sendo bombardeados por informações, e um dos motivos para que isso ocorra é devido a facilidade de acesso constante com as mídias atuais. Assim, não experimentamos, não vivenciamos e não sentimos o que nos acontece, o que passa por nós e em nós. Sem perceber, agimos de maneira automática e habitual e assim vamos reproduzindo o que nos foi dito e ensinado. No que diz respeito à dança, percebo que a grande maioria que trabalha com dança na escola, opta pelo espelhamento de movimentos, onde o professor/monitor realiza um movimento e este é executado pelos/as estudantes. Assim, a dança não potencializa o desenvolvimento do sujeito integral, o que colabora para um

distanciamento da aprendizagem por meio da experiência, a qual, segundo Larrosa (2002) , está cada vez mais rara.

A experiência está cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada [...] Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória , são também inimigas mortais da experiência. (LARROSA, 201, p. 22)

Nessa perspectiva, a dança transcende a mera execução e reprodução dos movimentos e das atividades físicas. Ela se relaciona com a vivência individual e subjetiva de cada sujeito, o que potencializa o entendimento da Dança como área de conhecimento.

Ao colocarmos ênfase na experiência, reconhecemos a importância dos aspectos educacionais, emocionais, sensoriais e cognitivos que permeiam o ensino de Dança. Através dessa abordagem, compreendemos que a Dança é capaz de despertar emoções, estimular a consciência corporal e proporcionar reflexões profundas sobre nós mesmos e o mundo ao nosso redor, conforme proposto pelo componente curricular Arte do Currículo Referência de Minas Gerais, 2023 (CRMG) que propõe trabalhar as linguagens da Arte

[...] em toda sua amplitude de forma que o estudante se situe no mundo e perceba as diferenças humanas e culturais e suas inter-relações, conhecendo, reconhecendo, interpretando, reinterpretando e apropriando-se delas em aspectos das manifestações artísticas e estéticas. Deve articular, portanto, manifestações culturais de tempos e espaços diversos, englobando o entorno cultural e artístico do estudante, as produções passadas e contemporâneas, de forma histórica, social e política, propiciando entendimento dos costumes e valores culturais, e que aliam-se ao desenvolvimento das competências gerais, ou seja, a formação integral do ser em desenvolvimento. (CRMG, 2023, p. 307).

Como dito no início desta pesquisa, o modo como trabalhamos, refletimos e percebemos a dança se dá no corpo e através dele. Nesse sentido, cada

experiência é singular, trazendo diferentes perspectivas e pensamentos sobre nós mesmos e sobre o mundo em que vivemos. Isso nos amplia a compreensão de mundo, nos torna mais abertos para diversidades de saberes. É através da experiência que nos tornamos pessoas mais completas, capazes e conscientes.

As condições de trabalho no PEI e suas implicações na prática docente

Quanto às condições de trabalho relacionadas à estrutura física e material dos monitores de dança que trabalham no PEI, é constatado que estas atendem de modo razoável aos padrões ideais, pois há uma restrição de salas para a prática da dança, bem como de recursos materiais pertinentes à área, entre outros aspectos. Os monitores alegam que as condições são desfavoráveis, o que compromete o trabalho realizado, mesmo constando no CRMG (2023) que é desejável que as escolas estejam devidamente preparadas para o trabalho em qualquer uma das linguagens artísticas, tanto em relação à estrutura, com salas e espaços adequados, quanto em relação à materialidade, com diversidade de oportunidades em sua área de atuação.

As salas de aula das escolas geralmente não possuem estrutura para se ministrar o ensino de dança adequadamente, onde muitas vezes é necessário arredar carteiras para liberar espaço para as aulas, ou usar um espaço alugado ou cedido no entorno da escola. Também há dias da semana em que não é possível conseguir uma sala disponível para as aulas, fato relatado pelo monitor 3 quando diz: “[...] não considero as condições de trabalho legal, pois há dificuldade de arrumar uma sala, há falta de material e descaso com nossa aula.” (Monitor 3, entrevista, 2023), e monitor 6: “[...] algumas salas não são adequadas para o ensaio da dança, sem contar a falta de materiais que são necessários.” (Monitor 6, entrevista, 2023).

A falta de espaço para trabalhar a dança na escola é realmente um dos maiores obstáculos, como ilustrado na imagem 1, onde o monitor necessita arredar as mesas e cadeiras para desenvolver seu trabalho. Ressalto que não são todos os dias que há sala de aula disponível para que a oficina aconteça.

Imagem 1- Sala de aula da Escola Municipal Aires da Mata Machado



Fonte: arquivo pessoal da autora

A escola que o monitor 1 atua, construiu uma sala para aulas de dança, porém, o espaço é insatisfatório devido ao quantitativo de alunos atendidos pelo Programa, como aborda a monitora 1:

Eu acho que tem muita coisa para melhorar, a minha sala por exemplo é muito pequena; eles pecaram realmente numa sala de dança. Então, a gente vê aí uma falta de zelo nesse sentido. Se a escola trouxesse uma condição de trabalho melhor aqui pra sala e para as apresentações, eu acho que isso ia ser suficiente. (Monitor 1, 2023, entrevista).

Um dos monitores relatou a falta de compreensão sobre o ensino de dança na escola por parte da direção, quando ouviu de um dos diretores “que dança não precisa de um espaço, que poderia dar aula em qualquer lugar, pois só tendo um som tá bom.” (Monitor 7, 2023, entrevista). Além do espaço físico para o ensino de dança, há falta de materiais para se trabalhar como caixa de som, livros didáticos relacionados a área, recurso para figurinos, dentre outros materiais que auxiliam as aulas. Os recursos possuem um importante papel, onde contribuem para uma experiência de aprendizado melhor, ajudam aprimorar habilidades e auxiliam para uma compreensão mais clara do contexto da dança. Assim, a falta de recurso foi abordada como um fator que dificulta o andamento das oficinas de dança no PEI,

como exposto pelo monitor 2, ao dizer que “as condições para o desenvolvimento das aulas não são as melhores, pois cada monitor lida com um grande número de alunos e a falta de recurso é um fator que dificulta o entendimento.” A mesma observação é também colocada pelo monitor 8: “Nem sempre a condição é boa para trabalhar. Falta mais investimentos no espaço, equipamentos, figurinos e eventos.” Há também o entendimento que muitas vezes a gestão escolar deseja ver o trabalho acontecer da melhor maneira, mas a “falta de recurso/verba acaba impossibilitando que as condições de trabalho melhorem”, como dito pelo monitor 4.

Quando se fala de ensino de dança, logo penso na importância do planejamento, no tempo em que estarei em contato com os alunos. Penso ser de grande importância trabalhar de maneira a seguir o planejamento pensado para as aulas, mesmo que contratempos ocorram e que adaptações precisem ser feitas durante as aulas. No entanto, acredito que a prática de planejar, pensar a aula e pensar o aluno, são pontos importantes para uma aula de qualidade.

Em um dos questionamentos sobre as condições de trabalho, a falta de tempo com os alunos e a impossibilidade de seguir o planejamento foi apontada, como colocado pelos monitores 5 e 9:

As condições de trabalho não são boas para ter um bom trabalho. O tempo com as turmas é pouco, dois meses é o tempo de adaptação de ensinamento de passos e montagem de coreografias. Como na nossa escola as turmas são trocadas a cada dois meses, às vezes três meses, [esse tempo] não é o suficiente para ensinar os detalhes da oficina. Isso acaba gerando uma pequena pressão, pois temos que passar tudo muito rápido, todo nosso planejamento em um curto período de tempo... montar coreografias para festas, para as datas comemorativas, porque sempre eles escolhem a dança para apresentações nessas datas. (Monitor 5, 2023, entrevista).

Não é legal, pois além da falta de espaço, ou seja, lugar adequado para a aula, a escola não se preocupa com a aula em si, acabo não fazendo o que planejo. Na verdade o que mais me cobram é coreografia para datas comemorativas e de não deixar os alunos ociosos, ou seja, às vezes deixo eles dançando as músicas que eles gostam, depois ensino os passos da coreografia e isso é muito vago. (Monitor 9, 2023, entrevista).

Como constatado nas entrevistas realizadas, às condições de trabalho para o ensino de dança possui algumas barreiras e a falta de um espaço físico adequado

compromete significativamente o trabalho em dança. Essa percepção está em concordância com a reflexão feita por Strazzacappa (2008), que ressalta que diante desse tipo de dificuldade, há frequentemente a necessidade de empilhar carteiras para se obter um espaço vazio, o qual é praticamente indispensável para o ensino de dança. Muitas escolas de ensino formal não possuem um espaço específico destinado às atividades de dança, e essas instituições de ensino desconhecem quais as verdadeiras necessidades para o seu desenvolvimento. Na grande maioria, as escolas de ensino formal não estão preparadas nem equipadas para acolher formas alternativas de ensino-aprendizagem, que vão além da configuração convencional de uma sala de aula com carteiras, onde os alunos ficam sentados e o professor fala à frente.

Os monitores da Regional Barreiro são hospedados na Escola Municipal Polo de Educação Integrada (POEINT), que oferece suporte para nove escolas municipais da região, onde são realizadas as oficinas do Programa Escola Integrada, incluindo a dança. O POEINT dispõe de oito salas adaptadas especificamente para o ensino de dança, todas elas possuem um amplo espaço desprovido de móveis, além de espelhos, sendo que quatro salas estão equipadas com barras para a prática de exercícios. No entanto, mesmo com esse número considerável de salas disponíveis, as escolas que utilizam as instalações do POEINT precisam verificar a disponibilidade de espaço para a realização das oficinas, pois a demanda por salas é elevada. Isso ocorre porque além das nove escolas do Barreiro que utilizam o espaço do POEINT, a própria Escola Municipal Polo de Educação Integrada também necessita de salas para suas atividades. Como demonstrado nas imagens a seguir é possível observar a boa estrutura que o POEINT possui para as aulas de dança;

Imagem 2 - Sala de Dança 3 - Escola Municipal POEINT



Fonte: arquivo pessoal da autora

Imagem 3 - Sala Multiuso 2 - Escola Municipal POEINT



Fonte: arquivo pessoal da autora

É importante haver uma sala de aula adequada para o ensino em qualquer disciplina e, isso não seria diferente para a Dança, pois além de um espaço

adequado para as aulas, o mesmo contribui proporcionando um ambiente seguro e funcional, onde os alunos podem desenvolver suas habilidades criativas/corporais. A presença de uma sala dedicada ao ensino de dança, demonstra o compromisso da escola em oferecer um currículo completo e de qualidade, além de valorizar a importância da dança como área de conhecimento reconhecida no ensino formal.

O olhar sobre a dança inserida na escola através do PEI: Uma análise dos monitores

A percepção da inserção da dança na escola por meio do PEI é variável, pois está sujeita a fatores como a disponibilidade de recursos e as preferências e habilidades de cada monitor. Na perspectiva do monitor 1, é importante ressaltar a concepção predominante de que a dança ainda é vista na escola primordialmente como uma forma de exercício físico, uma atribuição muitas vezes associada à disciplina de Educação Física.

A ideia de desenvolver a dança nas escolas é maravilhosa, pois é uma parte da arte que explora muitos ramos do corpo, além de ser um exercício físico diferente do que as crianças estão acostumadas, algo que atualmente tem sido extremamente necessário, pois elas já vivem no celular desde muito novos. A escola que trabalho não tem mostrado ter mentalidade de mostrar o real mundo da dança, as técnicas, a responsabilidade. As crianças têm muito potencial, mas às vezes parece que não dão o reconhecimento que elas podem, realmente, ter a oportunidade de virarem dançarinos com a oficina da escola. (Monitor 1, 2023, entrevista).

Nesse sentido, concordo com Marques (1997) ao afirmar que a presença da dança no ambiente escolar ainda é atribuída à prática de exercício físico, algo que é competência dos professores de Educação Física. Mesmo ela tendo dito isso no final da década de 90, a ideia de que a dança na escola é “um exercício físico diferente do que as crianças estão acostumadas”, como dito pela monitora 1, demonstra de forma clara que esse pensamento ainda permeia o contexto escolar nos dias de hoje.

A formação dos professores que atuam com a dança no nosso sistema educacional já obteve avanços, porém, ainda se faz necessário trazer a reflexão sobre o lugar da dança na escola e o seu conteúdo específico, de maneira a

contribuir com o entendimento e importância do seu ensino. Os monitores 2 e 8, abordam a inserção da dança no contexto do ensino formal como possibilidade de um ambiente propício para a formação de profissionais nessa área específica.

É um projeto maravilhoso onde os alunos têm a oportunidade de aprender a dança de forma gratuita e poder também serem professores nas escolas. Eu tenho alunos que hoje são monitores de dança em escolas, os alunos aprendem a história da dança de forma bem lúdica e contemporânea através do que eu aprendi e o programa dá essa oportunidade livre de aprendizado. (Monitor 2, 2023, entrevista).

Eu vejo como uma grande oportunidade. Poder ter a experiência de contato com palco, com o público e com o meio artístico, se tornar um artista. Principalmente para aqueles que não tem condições de pagar por uma boa aula de dança e nem estar nos palcos com artistas. O mundo da dança abre caminho. (Monitor 8, 2023, entrevista).

O principal objetivo da inclusão da dança no ambiente escolar não é formar artistas ou professores, mas sim, contribuir para a formação de indivíduos capazes de se compreenderem como cidadãos, que estabelecem relações na sociedade e entendam o mundo e sua diversidade, embora essa possibilidade possa se concretizar se essa for a escolha futura de um aluno.

Isabel Marques (2011) utiliza uma metáfora para nos fazer refletir que a criança não vive em seu corpo como uma lesma vive em sua concha. De acordo com a autora, a criança não está confinada dentro de seu corpo, mas vive e interage no mundo por meio de sua corporeidade, desse modo é necessário uma educação que educa cidadãos que se apropriem da dança para fazer alguma diferença no corpo/mundo que vivemos. É importante considerar a dança como um conhecimento que potencializa o aprimoramento da aprendizagem. Conforme o PCN Arte (1997),

Ao fazer e conhecer arte o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem alicerçar a consciência do seu lugar no mundo e também contribuem inegavelmente para sua apreensão significativa dos conteúdos das outras disciplinas do currículo. (PCN, 1997, p. 32).

Os monitores 3 e 4 destacaram uma observação relevante que merece consideração: o trabalho com dança na escola, quando baseado em um estilo específico, pode apresentar algumas implicações, tais como, não atender a todos os alunos seja por preferência de cada um ou preconceito quanto ao estilo de dança compartilhado

A primeira escola que eu dei aula eu era vetada de muitas coisas, como usar algumas músicas e algumas danças específicas como das danças urbanas, então havia um bloqueio muito grande para eu alcançar as crianças. Já na minha escola atual a direção é super tranquila, mas os alunos já não tem tanto interesse (os adolescentes) então é tranquilo com as crianças, mas quando chega nos adolescentes é um pouco mais difícil de conseguir um rendimento. (Monitor 3, 2023, entrevista).

Vejo que a dança pode ser um grande incentivo para as crianças assim como foi para mim. Porém, muitas vezes ela é bem rotulada como por exemplo: se eu for dar balé os meninos não querem fazer, o que acaba limitando muito as turmas quando não se tem um diálogo aberto com as crianças sobre a dança. (Monitor 4, 2023, entrevista)

Como exposto, o monitor 3 já vivenciou uma resistência por parte de pessoas na escola ao compartilhar aulas de danças urbanas. Já o monitor 4 relata que não trabalha com o balé, pois existe resistência do público masculino quanto a este estilo.

Tal situação é abordada por Strazzacappa (2011), ao dizer sobre a inclusão de estilos de dança oferecida por meio de projetos pontuais que reflete o desejo e habilidade do proponente, resultando na apresentação de uma técnica ou linha específica. Essa abordagem limitada, impede que os estudantes se apropriem e tenham contato com outros estilos, o que contraria completamente o propósito do ensino de Dança na escola.

Os monitores 5, 7 e 9 ressaltam que a inserção da dança na escola, por meio do PEI, é frequentemente percebida como um meio de produzir coreografias. Nesse contexto, o foco principal é dado apenas ao produto final, desconsiderando a importância do desenvolvimento e aprendizado ao longo do processo de ensino da Dança. O PCN Arte (1997), expõe que na primeira metade do século XX, as atividades teatrais e de dança somente eram valorizadas apenas quando integradas às festividades escolares ou no encerramento do período escolar, ou seja, eram

consideradas exclusivamente para fins de apresentação, algo que perdura até os dias atuais. Uma das respostas do monitor 5, ao ser questionado como a dança é vista onde ele trabalha, desvela também essa mesma percepção, quando diz que acha que a dança está ali "como algo apenas para chamar atenção das famílias em alguma festa. A dança dentro da escola não deveria ser tratada como algo fútil, como apenas coreografias para datas comemorativas" (MONITOR 5, entrevista, 2023). A mesma indagação se estendeu aos demais entrevistados e os monitores 7 e 9 tiveram colocações similares às do monitor 5.

Não vejo que a escola leva a dança a sério, simplesmente colocando como uma oficina que não tem muito o que acrescentar, quando poderia explorar mais os talentos e a educação e disciplina que uma dança traz para os indivíduos. [A escola] pensa na dança somente para uma apresentação ou outra no ambiente escolar. (Monitor 7, 2023, entrevista).

Eu acho que a dança dentro da escola, através da Escola Integrada, é vista como algo para apresentação, para exibição. Não vejo ninguém, nem direção, coordenação, professores se preocupando com o conteúdo dela, só querem ver apresentação e esquecem do resto, sem contar que alguns professores e a coordenação vivem pedindo para fazer uma "dancinha simples". Eles pensam que é só mexer o corpo e tá tudo certo. A dança é muito desvalorizada dentro da escola. (Monitor 9, 2023, entrevista).

Marques (1997) e Strazzacappa (2011) trazem a reflexão que a presença da dança na escola se faz notar geralmente nas festividades até apresentações culturais. Ao mesmo tempo, se percebe também o quanto ela é subestimada. Segundo as autoras, existe uma grande ênfase na exibição de coreografias, ou seja, no produto final, deixando de lado a importância do processo de aprendizagem que ocorre durante as aulas.

É importante dizer, todavia, que eu não pretendo, através deste trabalho, criticar a presença da dança nos eventos e festividades escolar, de modo a desmerecer tal acontecimento, mas sim, reafirmar que através do ensino de dança é possível de se trabalhar com vários conteúdos que agregam no saber e no desenvolvimento dos alunos, como destaca Isabel Marques (2012) ao dizer que

[...] a Arte na escola não é mais um sinônimo somente de fazer, mas também de ler e contextualizar trabalhos artísticos. No âmbito da

dança isso significa que não basta apenas dançar o carnaval, o pagode, o axé, as danças urbanas, mas sim conhecer seus processos históricos, coreográficos, estéticos e sociais. (MARQUES, 2012, p. 5).

O monitor 6 alega que a prática da dança pode desempenhar vários papéis positivos no desenvolvimento dos alunos, permitindo-lhes expressar-se livremente e ganhar confiança em suas habilidades. Além dos benefícios para os alunos, o ensino da dança em um contexto de Escola Integrada pode ser uma oportunidade de aprendizado para os monitores. Eles podem se deparar com diferentes necessidades e características individuais dos alunos, aprendendo a adaptar suas abordagens e métodos de ensino.

Eu enxergo que para criança é o meio de perder a vergonha, de se soltar mais, trabalhar coordenação motora dos alunos e, além disso, é também um aprendizado para nós professores da dança; porque na Escola Integrada existem muitos desafios. (Monitor 6, 2023, entrevista).

Durante o processo de entrevista, surgiu uma discussão relevante sobre a necessidade manifestada pelos professores de contar com a colaboração dos monitores de dança do Programa Escola Integrada (PEI) para auxiliar ou até mesmo desenvolver coreografias destinadas às apresentações relacionadas às festividades e momentos culturais da escola. Entre os nove monitores que foram entrevistados, somente um afirmou nunca ter recebido tal pedido, sendo relevante destacar que esse monitor está envolvido no Programa há menos de três meses.

O ensino de dança, que frequentemente é desvalorizado e considerado uma atividade secundária dentro do contexto escolar, desempenha um papel crucial no desenvolvimento da consciência corporal dos alunos quando se trata da apresentação de coreografias. A constatação da importância do ensino de dança e da falta de preparação dos docentes para abordar esse conteúdo revela-se no fato de que os professores da escola encontram grandes dificuldades ao elaborar, organizar e compor coreografias para as festividades presentes no calendário escolar. Como resultado, recorre-se frequentemente aos monitores de dança do PEI, uma vez que eles possuem mais conhecimento e experiência na área, a fim de obter auxílio na criação das danças para tais celebrações.

No próximo e último capítulo, compartilharei minhas propostas pedagógicas como monitora do PEI a partir da visão pedagógica de Klauss Vianna.

3 MINHA EXPERIÊNCIA COMO MONITORA DE DANÇA NO PEI: UMA ANÁLISE PESSOAL E PEDAGÓGICA

O que importa é lançar as sementes no corpo de cada um, abrir espaço na mente e nos músculos. E esperar que as respostas surjam. Ou não.

(Klauss Vianna)

A minha entrada no Curso de Dança (Licenciatura) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2014, foi motivada pelo desejo de trabalhar com a dança no ambiente escolar público, além da admiração que tenho por essa arte. Iniciei minha jornada na dança aos 22 anos, quando fiz minha primeira aula de balé. Embora tenha sido considerado uma idade tardia para começar a aprender um estilo de dança específico, como o balé, mergulhei no estudo e nas aulas, explorando inicialmente o balé clássico, depois o jazz e, por fim, a dança contemporânea.

Em 2015, tornei-me monitora de dança no Programa Escola Integrada na Escola Municipal Aires da Mata Machado em Belo Horizonte, Minas Gerais. Antes disso, eu já lecionava balé em escolas de educação infantil para crianças de 3 a 5 anos. Durante essas aulas, sempre questionava o impacto que a dança poderia ter na vida desses estudantes, mesmo em uma idade tão jovem. Eu sabia que havia algo mais enriquecedor ali, mas ainda não conseguia definir exatamente o que era. Minha atuação com a dança nas escolas de educação infantil era fundamentada no uso de técnicas que exploravam a condição física das crianças, principalmente no trabalho de alongamento. Nesse período, eu não observava com atenção as habilidades e movimentos das crianças, mas as incentivava, de forma sutil, a fazer os comandos das técnicas e regras por mim estabelecidas. Eu acreditava que dessa forma estaria contribuindo para o desenvolvimento da atenção, da disciplina e da inclusão da dança no ambiente escolar.

É importante salientar que, apesar dos conhecimentos técnicos adquiridos em dança, reconheço que nenhum me fez apta para desenvolver um plano de aula adequado para trabalhar a dança em uma escola de ensino formal e integralizado. Sempre tive interesse em compreender como a dança poderia ser implementada em

uma escola formal, uma vez que constantemente ouvia comentários de que isso era "coisa de menina" e que meninos deveriam preferir luta ou futebol. No ensino integral, as turmas são mistas, ou seja, não se deve separar grupos de alunos por gênero, e portanto, o planejamento das aulas deve ser pensado para atender a todos e todas.

No segundo semestre de 2015, eu já havia concluído dois períodos do Curso de Dança na UFMG. Tudo o que eu havia experimentado no contexto da universidade era bem diferente do que eu havia vivenciado no campo da dança nos cursos informais/livres até aquele momento, o que ao meu ver, era bem limitado. Com a experiência no ensino superior, a Dança adquiriu uma nova dimensão, tornando-se uma área de estudo repleta de significados e possibilidades, que ultrapassava o conhecimento corporal, as técnicas codificadas e as coreografias pré-elaboradas para apresentações.

Durante os primeiros semestres no campo acadêmico, tive a oportunidade de entrar em contato com a disciplina de Percepção Corporal, na qual obtive conhecimento do trabalho de Klauss Vianna. Sua abordagem concentra-se no estudo do movimento a partir de uma escuta atenta do corpo, direcionamentos ósseos e como conduzir a força que impulsionam o fluxo do movimento pelo espaço. Nesse contexto, o indivíduo é incentivado a perceber o seu processo corporal e sua interação com o ambiente. Essa abordagem além de proporcionar a sensibilização, trabalha o reconhecimento das estruturas corporais, bem como suas possibilidades de movimento, como aborda Vianna (2005).

Assim, comecei a compreender uma maneira de trabalhar a dança no contexto educacional formal integralizado, de modo que envolvesse todos os alunos, respeitando a individualidade de cada um, e os conduzindo a reconhecer seu próprio corpo e movimento, "não propondo fórmulas nem posições básicas, sequências de postura ou qualquer organograma desses porque acredito que idéias corporais pré-fabricadas força e deturpa a individualidade do aluno" (VIANNA, 2005, p. 145).

A dança, segundo Klauss Vianna, transcende a mera expressão artística ou um conjunto de técnicas de movimento codificadas, sendo fundamental para compreender o corpo e suas capacidades expressivas no mundo. Vianna (2005, p. 32) afirma que "a dança acontece não apenas ao dançar, mas também ao pensar e

sentir: dançar é estar completamente presente". Ele reconhece que cada indivíduo tem sua própria forma de se movimentar, entendendo que a expressão corporal de cada pessoa é singular. Assim, através da observação e investigação do nosso próprio corpo, é possível estabelecer uma conexão mais profunda e clara com nossas sensações e potencialidades.

Vianna valorizava o movimento espontâneo e consciente, se utilizando da improvisação para descobrir novas possibilidades de movimentação corporal. Ele se interessava pelo bem-estar e saúde dos bailarinos, e sua abordagem para trabalhar o corpo dos seus alunos incluía conscientizá-los corporalmente, considerando a pessoa de maneira integral, no que tange suas emoções e seu contexto social.

(...) não é só dançar, é preciso toda uma relação com o mundo à nossa volta. Não adianta se isolar em uma sala de aula, isso leva a um completo distanciamento da vida, de tudo o que acontece no mundo. O ser humano que existe no bailarino tem que estar atento e receber tudo lá fora, nas ruas. É impossível dissociar vida de sala de aula. (VIANNA, 2005, p.41).

Sem se prender as técnicas impostas pela dança, defendia a ideia que na Dança, a técnica tem um único propósito: preparar o corpo para atender às demandas do espírito artístico. Assim, diante da minha experiência como monitora de dança no PEI e estudante do Curso de Dança, acredito que a dança inserida no contexto da escola regular necessita de uma abordagem mais contemporânea de ensino, onde se deve considerar as necessidades e características dos alunos no seu contexto social e cultural atual. Uma abordagem mais tradicional/técnica de ensino de dança, dentro da escola, pode não ser eficaz para atender todos os alunos, independente do gênero e vivência corporal, pois é necessário

[...] respeitarmos e valorizamos o infinito universo de configurações corporais que cruzam e atravessam nossas salas de aula em seus biótipos, etnias, gêneros, orientações sexuais, idades, classe sociais etc. A aceitação, a valorização e o respeito às diferenças são sem dúvida requisitos sem os quais quer tipo de ação pedagógica e/ou artística possa se viabilizar de forma íntegra e ética. (MARQUES, 2011, p.33)

Partindo do fato que o PEI atende, em sua grande maioria, crianças que vivem em condições de vulnerabilidade social, busco aqui apresentar o caminho que escolhi para trabalhar o ensino de Dança na Escola Integrada, o qual está inserido no âmbito do ensino regular.

Promovendo a participação ativa e a investigação corporal: Estratégias didáticas na minha prática pedagógica

O ingresso de crianças no ensino integral por meio do PEI representa uma oportunidade significativa para aqueles que nunca tiveram acesso a atividades relacionadas à dança ou outras práticas corporais. Muitas dessas crianças estão experimentando pela primeira vez a experiência de observar seu próprio corpo de modo a descobrir o vasto universo de possibilidades que ele abriga. As crianças que já vivenciam atividades corporais, como aulas de dança ou outras práticas de movimento, seja em curso livre ou em academias, podem se beneficiar através do ensino da Dança na escola. Sendo assim, uma abordagem fundamentada no princípio do autoconhecimento, que se baseia na atenção ao corpo a partir de sua estrutura óssea e articular, se faz relevante para a aprendizagem do sujeito.

Em diversas ocasiões, deparei-me com o confronto entre o corpo moldado socialmente, sujeito a regras que inibem o movimento natural e espontâneo, e o que estava sendo ensinado na disciplina de Percepção Corporal que cursava na UFMG.

Eu, com mais de trinta anos de vida, sendo aproximadamente dez deles dedicados à prática, ensino e estudo da dança seja em cursos livres, igreja, praças ou outros locais da cidade, a perspectiva de abordar a Dança com ênfase na valorização do movimento consciente e no alinhamento natural do corpo humano era maravilhoso e transformador. Foi nesse ponto que comecei a compreender a afirmação de Michael Gelb (2000), ao escrever que a destruição da vontade de aprender e da integridade da criança, ocorre devido ao tipo de educação que lhes é imposta. Educação que se desenvolve, em sua maioria, nos lares e nas escolas, nos quais, nós como adultos, comprometemos em grande parte a capacidade intelectual e criativa das crianças, por meio do que fazemos e as forçamos a fazer. Incutimos

nelas o medo de arriscar, de experimentar, de tentar, fazendo do medo o “maior obstáculo ao aprendizado integral” (GELB, 2000, p.122).

Minha abordagem no PEI: Um processo em constante transformação

A partir das colocações previamente expostas, irei relatar como foi o início da minha vivência com os alunos do PEI. Descreverei de forma cronológica para uma melhor compreensão. Busco sempre pensar em aulas em que os alunos não se sintam “peixes fora do aquário”, desmotivados, mas sim, parte do grupo e do processo de ensino compartilhado.

Minha abordagem inicial ocorre através da chamada, na qual sugiro aos alunos que não respondam com o tradicional “presente”, mas ofereço-lhes a liberdade de usá-lo, caso preferirem. Todos os dias os alunos são convidados a responder com o nome de um desenho, filme, música, movimento do TikTok, sentimentos, entre outros. Essa estratégia é realizada com o objetivo de conhecer seus gostos, compreender o que os sensibiliza e um pouco de como lidam com seus corpos. Isso contribui para uma vivência e processo de ensino mais facilitado. A princípio, busco trazer para as aulas algo com que eles se sintam familiarizados.

Acredito, como descrito por Vianna (2005), que “a dança deve ser abordada com base na sensibilidade, na verdade de cada um”. Diante disso a preparação para o início prático da aula começa com brincadeiras corporais tais como a música “Boneca de Lata” - *‘minha boneca de lata bateu a cabeça no chão, levou quase uma hora pra fazer a arrumação, desamassa aqui, pra ficar boa...Minha boneca de lata bateu o ombro no chão...’*. A cantiga “Boneca de lata” além de ajudar a identificar as partes do corpo humano, também funciona como uma atividade para aquecer, pois através dos movimentos propostos pela música, as crianças são incentivadas a mover seus corpos, estimulando sua atenção e o despertar. Em todas atividades busco garantir a participação de todos os estudantes, levando em consideração as diversas deficiências existentes na escola. Portanto, a única exigência para participar das aulas é comparecer às aulas, uma vez que todas as pessoas são capazes de dançar, se movimentar e exercitar o pensamento crítico, criativo e visão de mundo.

Na minha prática pedagógica, busco sempre solicitar sugestões dos alunos para construir as aulas durante as oficinas, direcionando-as de acordo com a proposta metodológica a ser trabalhada. Evito entregar imediatamente o que pretendo desenvolver, preferindo instigá-los a trazer sua presença e participação ativa para a sala de aula em todos os momentos. Em vez de simplesmente afirmar: "Hoje vamos aprender sobre o que sustenta nosso corpo em pé", procuro questioná-los de forma provocativa: "O que nos permite ficar de pé? E sentar? Por que não somos corpos 'moles e sem forma', mas possuímos um formato específico?" Sigo o mesmo método para ensinar sobre articulações e seus espaços, para os fazer pensar nas possibilidades de movimento tendo sistema esquelético e articular como base de compreensão do desenvolvimento e exploração do movimento.

Busco utilizar recursos didáticos como forma de facilitar a compreensão e assimilação dos conteúdos apresentados durante as aulas. Aproveito a intensa curiosidade infantil para estimulá-los a investigar seus corpos. Esses recursos proporcionam uma abordagem prática, curiosa e divertida, permitindo que os alunos tenham um entendimento mais significativo dos conceitos. Assim, os estudantes são encorajados a explorar e experimentar de forma ativa, tornando o processo de aprendizado mais envolvente e estimulante.

As imagens apresentadas abaixo mostram alguns dos materiais que utilizo para ilustrar o conteúdo compartilhado em sala de aula. Na imagem 4 e 5, é possível observar uma réplica do sistema esquelético que utilizo como recurso didático. Essa réplica é articulada, permitindo aos alunos reconhecerem as articulações e o formato dos ossos que compõem o corpo humano. Essa abordagem tangível e visual auxilia os alunos na compreensão da estrutura e funcionamento do sistema esquelético, proporcionando uma aprendizagem mais concreta e significativa.

Imagem 4 - Percepção a partir do sistema esquelético - 2º ano fundamental



Fonte: arquivo pessoal da autora

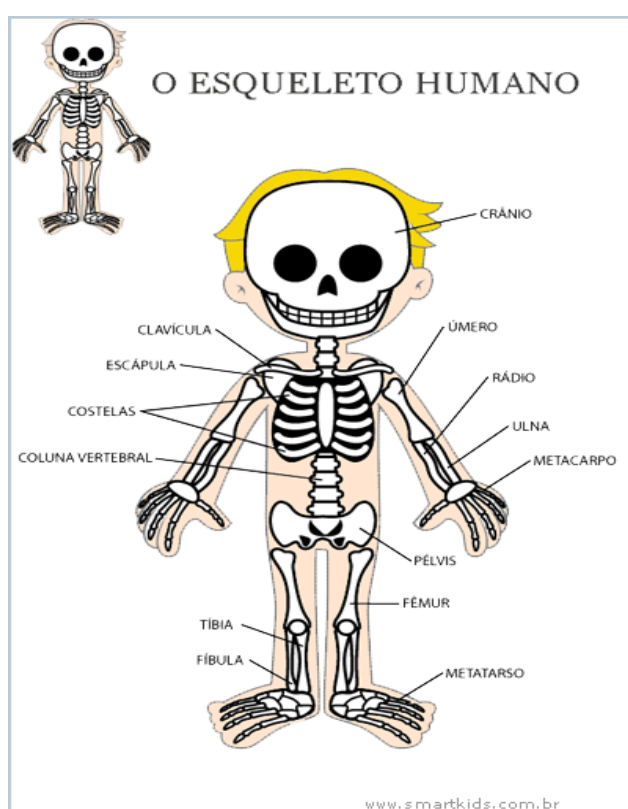
Imagem 5 - Percepção a partir do sistema esquelético - 1º ano fundamental



Fonte: arquivo pessoal da autora

Além disso, utilizo materiais impressos nos quais os alunos podem investigar o próprio corpo e localizar, por meio do desenho do esqueleto, as articulações. A cada articulação encontrada as crianças fazem um X no local em que a mesma se encontra, então é proposto que eles explorem as possíveis movimentações das mesmas. Essa atividade permite que os alunos aprofundem seu conhecimento sobre as articulações e compreendam as possibilidades dos movimentos proveniente delas, como elas contribuem para a mobilidade e funcionalidade do corpo humano.

Imagem 6 - Investigando as articulações



Fonte: Imagens Google

Com essa forma de conduzir a aula, os alunos são naturalmente direcionados a prestar atenção em seus próprios corpos. Essa abordagem foi desenvolvida a partir de diversas disciplinas que vivenciei durante o Curso de Dança, incluindo a disciplina Anatomia para o movimento, cursada no segundo período, que proporciona a compreensão da estrutura e função dos sistemas musculoesquelético e articular, colaborando para que os professores de dança possam orientar seus

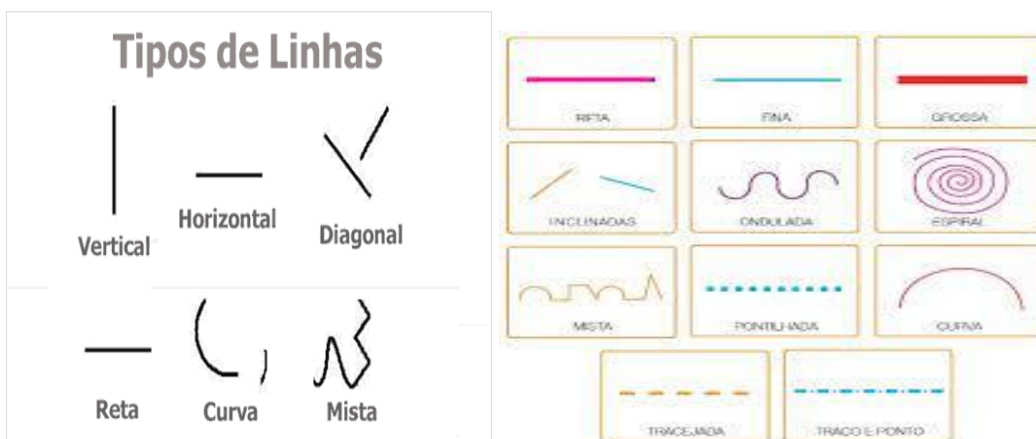
alunos de forma mais eficaz, ajudando-os a desenvolver movimentos mais adequados evitando possíveis lesões.

Assim, me apropriei do que Klauss Vianna (2005, p. 122) descreve que “por meio da observação e da percepção dos movimentos mais elementares, criamos um código com nosso corpo, começamos a sensibilizar as partes mortas e a liberar as articulações”. Esse trabalho promove uma conexão mais refinada e consciente com o corpo, onde permite que os alunos desenvolvam uma maior consciência corporal e explorem seu potencial de movimentos de forma mais sensível e expressiva.

Além das atividades relacionadas ao conhecimento e consciência corporal, a disciplina de Improvisação em Dança desempenhou um papel crucial ao oferecer um amplo leque de oportunidades para o ensino da Dança. Assim, para trabalhar a improvisação com as crianças, me baseio no método de Rolf Gelewski, que conforme Baeta (2016, p.92) “propôs métodos didáticos referentes ao ensino de improvisação, composição, geografia em grupo, estudo de formas, estudos do espaço e rítmica”.

A abordagem de improvisação estruturada desenvolvida por Rolf Gelewski ocorre a partir de estímulos que são fornecidos pelo professor. Nesse contexto, os alunos têm a liberdade de utilizar diversas ferramentas para a improvisação, tais como o uso de formas geométricas, músicas, poemas, tipos de linhas, dentre outros estímulos. A imagem 6 retrata uma proposta na qual os alunos são orientados a criarem formas de movimento tanto em grupo quanto individualmente, tendo como referência para o movimento as linhas; tal proposta pode ser utilizada com forma geométrica, dentre outras.

Imagem 7 - Linhas como estímulo para pesquisa de movimento



434 × 456

Fonte: imagem google

Em diálogo com Rolf Gelewski, procuro explorar conteúdos de movimento que não se baseiam em técnicas específicas. Busco elementos que constituem o trabalho na Dança, como a abordagem de Rudolf Laban, que permite atender aos diversos corpos dos alunos, bem como explorar as dinâmicas existentes no movimento. Segundo Lenira Rengel, Laban

[...] classificou os elementos e/ou fatores do movimento como Fluência, Espaço, Peso e Tempo. Esses fatores compõem qualquer movimento em maior ou menor grau de manifestação. Todos os seres humanos têm uma forma de lidar com o espaço, um ritmo e uma maneira mais contida e/ou livre de expressar este espaço, peso e tempo que é o fator fluência. (RENGEL *et al*, 2017 p. 20).

Na escola, existem inúmeras possibilidades de abordagem para trabalhar o ensino de Dança, e o uso de materiais auxiliares também não deve ser descartado, pois eles colaboram para o aprimoramento do desenvolvimento e assimilação do conteúdo pelos alunos. A utilização de mídias visuais, como vídeos e imagens, oferece uma dimensão visual do movimento, permitindo que os alunos apreciem e adquiram conhecimento de diferentes autores da dança, bem como suas performances e estilos. Da mesma forma, o uso de mídias auditivas, como músicas e trilhas sonoras, proporciona uma experiência imersiva, permitindo que os alunos explorem a relação entre música e movimento.

Além disso, a realização de roda de conversa é um importante recurso para as aulas. Elas são essenciais não apenas para o professor compreender como o processo de ensino está ocorrendo no aluno, mas também permite melhor interação com eles, sendo que durante o processo das aulas eles são estimulados a participar com ideias e questionamentos, tal abordagem favorece não só a participação, mas também o pensamento crítico reflexivo. A arte/dança procura estimular a autonomia do aluno, de maneira que este contribua com o processo de criação. É necessário destacar que

[...] um ensino de Dança pautado pela valorização da autonomia, não se pretende que o aluno se torne autossuficiente nem que a importância da presença do professor seja relativizada, mas sim entender, de fato, de que processos de ensino/aprendizagem configuram-se como um processo de cocriação, entre professor e aluno. (RENGEL *et al*, 2017 p. 20).

À medida em que eu avançava no estudo da Dança na universidade, a compreensão que cada estudante tem sua própria trajetória, habilidade e dificuldade foi surgindo no meu modo de ensino. Hoje em dia, busco continuamente uma abordagem diferenciada e adaptável. A partir da minha trajetória acadêmica e das minhas experiências no PEI, aprendi a observar e a compreender as necessidades individuais de cada aluno, a fim de proporcionar um ambiente inclusivo e participativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei, através dessa pesquisa, compreender e ampliar meu entendimento sobre a dança no contexto do ensino regular no PEI, com o objetivo de buscar respostas para questões relativas ao ensino de Dança na escola, no intuito de fomentar uma reflexão sobre o tema no contexto escolar.

Procurei responder aos questionamentos, tais como: Qual formação está apta a desenvolver o ensino de Dança na escola? Qual o lugar da dança na escola? Quais são os possíveis benefícios do aluno em contato com a Dança na escola?

Mediante as entrevistas com os monitores do PEI, considero que não basta obter uma formação no campo da educação para desenvolver os conteúdos específicos da Dança. Este fato se tornou claro à medida que os monitores, incluindo eu, são constantemente chamados para ajudar outros professores nas coreografias e ensaios para as festividades escolares. Desse modo, acredito que a Dança na escola tem que estar nas festividades, nas aulas e acima de tudo no currículo como disciplina autônoma, pois como já dito anteriormente, não se trata de nos posicionar contra as danças nas festas escolares, mas sim, refletir sobre como ela é utilizada. As apresentações de dança na escola devem ser o resultado de um processo que abrange um vasto e crescente conhecimento e não apenas um objetivo final a ser alcançado.

Pensar e escrever sobre a Dança no PEI, me levou a refletir que não são todos os alunos pertencentes às escolas municipais de Belo Horizonte que têm acesso a ela. Isso abre uma reflexão sobre a seguinte pergunta: O que difere os alunos que têm contato com o ensino de Dança no PEI, dos que não tem? O PEI não atende a todos os alunos matriculados nas escolas públicas de ensino fundamental de Belo Horizonte, assim, muitos ficam privados de serem beneficiados através da Dança na escola. Outra questão que me causou inquietação diz sobre a maneira do “dar aula de dança” na escola formal, o que me leva a questionar: quais são as diferenças entre os formados em cursos livres e os licenciandos em um curso de graduação em Dança em relação ao conhecimento e ensino da Dança nas escolas?

A Dança na escola desempenha um papel fundamental no que tange o acesso ao conhecimento, sendo ela uma expressão artística que deve ser amplamente disponibilizada aos alunos, pois contribui de modo eficaz no desenvolvimento integral dos estudantes.

São muitos os conteúdos que são pertencentes a Dança na escola. Espero que as discussões e reflexões apresentadas neste trabalho possam oferecer uma contribuição para o campo da Dança no contexto educacional, uma vez que podemos observar um aumento crescente no número de profissionais licenciados em Dança. Me sinto privilegiada, uma vez que fui favorecida com a oportunidade de cursar a licenciatura junto à minha atividade profissional como monitora de Dança no âmbito do ensino fundamental da rede municipal de Belo Horizonte. Tal oportunidade se mostrou significativa ao possibilitar a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante meu percurso universitário.

REFERÊNCIAS

BAETA, Paulo. *Introdução à metodologia didática em dança de Rolf Gelewski*. Conceição | Concept., Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 90-111, jul./dez. 2016

BELO HORIZONTE. *Lei Ordinária nº 8.432, de 2002*. Dispõe sobre a implementação da jornada escolar de tempo integral no ensino fundamental em instituição municipal de ensino. Leis Municipais, Belo Horizonte, MG, ano 2002. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/mg/b/belo-horizonte/lei-ordinaria/2002/844/8432/lei-ordinaria-n-8432-2002-dispoe-sobre-a-implementacao-da-jornada-escolar-de-tempo-integral-no-ensino-fundamental-em-instituicao-municipal-de-ensino>. Acesso em: 16 maio 2023.

BELO HORIZONTE, Prefeitura Municipal. *Escola Integrada*. Belo Horizonte: Educação. Programas e Projetos, 2019. <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-integrada>. Acesso em 27 de abril de 2023.

BELO HORIZONTE, Prefeitura Municipal. *Escola municipal implanta metodologia referência em ensino*. Belo Horizonte, 2018. <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/escola-municipal-implanta-metodologia-referencia-em-ensino>. Acesso em 02 de maio de 2023.

BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal de Educação. Gerência de Educação Integral, Direitos Humanos e Cidadania. *A Gestão Escolar e a Educação Integral: Diretrizes, Concepções e Tendências*. Belo Horizonte, SMED, 2016.

BLOG EMPOEINT. *O POEINT Sobre Nós*. 2018 Disponível em: <https://empoeintblog.wordpress.com/o-poeint/>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: LDB nº 9.394/ *Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional*, Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 16 de maio de 2023.

BRASIL. Portaria nº 1144, de 10 de outubro de 2016. *Programa Novo Mais Educação*. Brasília, DF, 2016. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=49131-port-1144mais-educ-pdf&category_slug=outubro-2016-pdf&Itemid=30192>Acesso em: 15 maio 2023.

COELHO, J.S. *Escola Integrada*. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M.C.; VIEIRA, L. M. F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2012. CD-ROM. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/410-1.pdf>. Acesso em 29 de abril de 2023.

COELHO, José Silvestre. *O Trabalho docente na Escola Integrada*. 2011. 212 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

DE SOUSA, Nilza Coqueiro Pires; HUNGER, Dagmar Aparecida Cynthia França; CARAMASCHI, Sandro. *A Dança na Escola: um sério problema a ser resolvido*. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 496-505, 2010.

EDUCAÇÃO INTEGRAL. *Orientações para o Programa Escola Integrada*. 2015. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2015/06/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_Programa-Escola-Integrada.pdf. Acesso em: 16 de maio de 2023.

GELB, Michael. *O aprendizado do corpo: introdução à técnica de Alexander*. Martins Fontes, 1987.

JUSBRASIL. *Artigo 34 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/11690895/artigo-34-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996..> Acesso em: 29 de abril de 2023.

VIANNA, Klauss. *A Dança*. Summus Editorial, 2005.

LARROSA, J. *Experiência e Alteridade em Educação*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez. 2011, p.04-27. Disponível em <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/download/2444/1898>>: Acesso em 05 junh. 2023.

LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Rev. Bras., 2002, p. 20- 28.

MARQUES, Isabel. *Dançando na escola*. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 20-28, 1997.

MARQUES, Isabel et al. *Dança na escola: arte e ensino*. Salto para o futuro. Dança na escola: arte e ensino. Ano XXII–Boletim, 2012.

MARQUES, Isabel. *Metodologia para o ensino de dança: luxo ou necessidade?* In: LIÇÕES de dança, 4. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2004.

MARQUES, Isabel. BRAZIL, Fábio. *Mas afinal, arte para quê?*. Disponível em: <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Mas-afinal-arte-para-que-/12/7643>. Acesso em: 31 maio 2018.

MARQUES, Isabel. *Notas Sobre o Corpo e o Ensino de Dança*. Caderno Pedagógico, Lajeado, v.8, n.1 p. 31-36, 2011

MAZZIOTTI, M. G.; SCHWARTZ, G. M. *Por um ensino significativo da dança*. Revista Movimento, v. 12, pp. 45-52, 2000.

MEC, Portal. *Programa Novo Mais Educação*. Governo Federal. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-mais-educacao>. Acesso em 02 de maio de 2023.

MINAS GERAIS. *Currículo Referência de Minas Gerais 2023: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Capítulo 6, Arte, página 312.

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE. *Escola Aberta*. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/educacao/escola-aberta>. Acesso em: 27 de maio de 2023.

Prefeitura de Belo Horizonte, *Secretaria Municipal de Educação. Diretrizes Político-Pedagógicas do Programa Escola Integrada*, 2016.

RENGEL, Lenira Peral et al. *Elementos do movimento na dança*. 2017.

SERVIÇOS PBH. *Escola Integrada*. 2023. Disponível em: <https://servicos.pbh.gov.br/servicos/i/5e67e75de1bf5e706b0f0f54/5dc8470253fd6b5b5bd99185f/servicos+escola-integrada>. Acesso em: 16 de maio de 2023.

SILVA, A. M. C. J. *Trabalho docente e educação em tempo integral: um estudo sobre o Programa Escola Integrada e o Projeto Educação em Tempo Integral*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Empilhando carteiras à procura de um espaço vazio*. ABRACE-Associação Brasileira de Artes Cênicas, 2008.

STRAZZACAPPA, M. M. *A educação e a fábrica de corpos: A dança na escola*. Cadernos Cedes, n. 69, v. 53, abril/2001. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/32365>. Acesso em 28 de abril de 2023.

STRAZZACAPPA, M. M. *Dança na educação: discutindo questões básicas e polêmicas*. Revista Pensar a Prática, v. 6, pp. 73-85, 2003. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/55/54>. Acesso em 21 de abril de 2023.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Profissão professor de dança: uma breve cartografia do ensino de dança no estado de São Paulo*. Revista Moringa-Arte do Espetáculo, v. 2, n. 2, 2011.

STRAZZACAPPA, Márcia. *Reflexões sobre a formação profissional do artista da dança*. Lições de dança, Rio de Janeiro, n. 4, p. 175-194, 2002.

VIANNA, Klauss. *A Dança*. São Paulo: Summus, 2005.